



Vol. 15, nº 2, (2018)

**DISCURSO DA SÁTIRA NO ROMANCE ANGOLANO
CONTEMPORÂNEO: UM ITINERÁRIO DA CONTRAMÃO
ECOSÓFICA**

**SPEECH OF THE SATIRE IN THE CONTEMPORARY
ANGOLAN NOVEL: AN ITINERARY OF THE ECOSOPHICAL
CONTRAMPTION**

Joaquim João Martinho¹

Recebimento: 27/09/2018

Data de aceite: 12/10/2018

RESUMO: Este texto propõe a leitura de dois romances: *O reino das casuarinas* (2014) e *A acácia e os pássaros* (2016), obras de José Luís Mendonça e Manuel Rui, respectivamente. As duas narrativas produzidas em pleno século XXI, do histórico-político angolano, encenam os questionamentos pela não consumação do projecto de sociedade, a hastear a bandeira da igualdade, das liberdades e do bem-estar colectivo, problematizando, desse modo, o abandono dos ideais e das expectativas da Independência Nacional angolana. Por conseguinte, através de uma leitura ancorada no comparativismo literário, procuramos analisar o fio dialógico entre os dois romances. Assim, esperamos demonstrar como a ficcionalização do sociopolítico angolano evidencia um *socius* enfermo e fissurado, deflagrado num discurso satírico (HUTCHEON, 2000; 1985); (HANSEN, 1990), cuja proposta desemboca nas três ecologias de Félix Guattari (2001), fluxos para uma nova relação ético-política, no universo angolano, enquanto desiderato *sine qua non* para a efectivação do projecto de Nação. Por fim, convocamos para o diálogo Peter Sloterdijk (2000). **PALAVRAS-CHAVE:** Romance angolano contemporâneo; Discurso da sátira; Nação angolana; Três ecologias; Contextos polifónicos.

ABSTRACT: This text proposes the reading of two novels: *The Kingdom of Casuarinas* (2014) and *Acacia and the birds* (2016), works by José Luís Mendonça and Manuel Rui, respectively. The two narratives produced in the twenty-first century of the Angolan political-historical stage the questions about the non-consummation of the project of society, to raise the banner of equality, liberties and collective well-being, thus problematizing the abandonment of ideals and of the expectations of the Angolan National Independence. Therefore, through a reading anchored in literary comparativism, we try to analyze the dialogical thread between the two novels. Thus, we hope to demonstrate how the fictionalization of the Angolan sociopolitical shows a diseased and fissured socius, triggered in a satirical discourse (HUTCHEON, 2000, 1985); (HANSEN, 1990), whose proposal leads to the three ecologies of Felix Guattari (2001), flows towards a new ethical-political relationship in the Angolan universe, as a *sine qua non* desiderato for the realization of the Nation project. Lastly, we called Peter Sloterdijk (2000) for dialogue.

KEY WORDS: Contemporary Angolan Romance; Speech of satire; Angolan nation; Three ecologies; Polyphonic contexts.

¹ Licenciado em Ensino do Português pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda, Angola; Mestre em Ciências da Educação pela Universidad de San Lorenzo, Paraguai, e Mestre em Letras-Literatura, no Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da USP, Brasil. É docente de Introdução aos estudos literários e de Teoria da Literatura na Escola Superior Pedagógica do Bengo, em Angola. Membro do Júri do Prémio Infante-Juvenil “QUEM ME DERA SER ONDA”, da UEA, do Prémio António Jacinto, edição 2018, e do Concurso Literário da Acácias Editora, edição 2018.



Considerações iniciais

A nossa proposta de reflexão, à luz do título deste texto, move-se por termos constatado, nos textos eleitos como objectos de análise, sintomas indiciantes de diálogo possível, consignados num primeiro tópico, a saber: os paratextos² dos referidos objectos literários. Nesse quadro, munimo-nos dos ensinamentos do comparativismo literário, que nos permite interagir o objecto literário com outras áreas do saber, aqui determinado pelas três ecologias³ de Félix Guattari (2001), através das quais evidenciaremos o discurso da sátira patente em ambos os tecidos literários. Dito isto, convém lembrar que, para a demarcação periodológica⁴, consideramos contemporânea a época literária angolana marcada pela paz efectiva, 2002, sendo que o período literário coincide com o tempo cronológico.

Ainda, achamos pertinente, para um melhor enquadramento da nossa reflexão, anunciar que o discurso da sátira, a nosso entender, consiste numa enunciação extramural, isto é, uma estrutura enunciativa cujos *ethos* apontam determinados aspectos nocivos e, que, por esta via, afectam a ambiência social ou moral, quer de instituições como de uma determinada sociedade. Essa visão, talvez, nos aproxime ao que Aristóteles, na Antiguidade Clássica, chamava de *Bomolochia*⁵, ou seja, maledicência, um gênero do cômico, pese embora, não se convoque na abordagem dos objectos aqui anunciados, como gênero, já que é ao nível do discurso, que nos situamos. Dessa maneira, a

² Conceito tomado na acepção de Gerard Genette (2005)

³ Essa proposta guattariana é aqui apreendida nos marcos de uma nova forma de se relacionar com o mundo, o que, para o nosso enfoque, significa uma relação política plural, isto é, um *socius* angolano, no qual todos possam desfrutar dos benefícios da Independência Nacional, numa base “plenivalente”, de horizontalidade.

⁴ Referimo-nos a uma perspectiva iniciática, quer dizer, consideramos 2002 como etapa inicial dessa contemporaneidade, ainda, em percurso.

⁵ Conferir Hansen (2011).



nossa perspectiva de sátira ancora-se no marcador nocivo, infame, repugnante, enfim, do seu *ethos*, para sinalizar um propósito correcional do ridículo desdenhoso, como diria Linda Hutcheon em *Uma Teoria da Paródia* (1985).

Nesta direcção, Sátira, como defende Morier, apresentada pela estudiosa canadense, “possui um *ethos* marcado, que é ainda mais pejorativa ou negativamente codificado” (MORIER apud HUTCHEON, 1985, p. 76), podendo chamar a este um *ethos* desdenhoso ou escarnecedor, remata a estudiosa. Então, podemos arguir de que, ensinados por Hutcheon, a sátira - discurso satírico - visa ridicularizar os vícios ou loucuras da humanidade, tendo como intento a sua correcção, o que pressupõe uma finalidade dupla, a saber: a avaliação negativa e a intenção correctiva (idem, ibidem). Assim, doravante, propomo-nos discutir os objectos anunciados, sob esse viés, entrecruzando-os com as três ecosofias do filósofo francês.

O itinerário da contramão ecosófica: olhares opacos

O título deste texto afigura-se irónico, pois, pretende demonstrar o imaginário social angolano, recriado nos textos em análise, contrário aos objectivos decantados ao longo de toda luta de libertação, que culminaria com a bandeira de um projecto social configurado na igualdade, nas liberdades e no bem-estar colectivo. Assim, chegados à Independência Nacional sem tais desígnios consumados, o constructo literário começa a desenhar-se, sob um viés do questionamento, problematizando as promessas da “terra prometida”, que, no plano extratextual, permanecem utópicas. Sob esse olhar, não satisfeitos com esse paradigma, esses intelectuais-escretores encontram na



tessitura literária o espaço de mediação⁶, para a mudança do *socius*. Nesta perspectiva, os objectos desta análise denunciam os vícios que enfermam o imaginário social angolano, enquanto maledicência que dificulta uma convivência social harmoniosa e sã, sustentada por Guattari, nas suas três ecologias, a saber: ambiental, social e mental, fluxos integradores patenteados numa nova forma de relações denominados pelo pensador de ecosofia, quer dizer, “os três registos ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade” (GUATTARI, 1989, p. 8). Essas três instâncias manifestam-se nas obras em estudo, já a partir dos seus títulos, como já dito, demonstrando, neste particular, a alusão a um imaginário recriado distante de tais propósitos. Assim é que, em *O reino das casuarinas*, de José Luís Mendonça, subjaz na estrutura lexemática Reino das Casuarinas a preocupação com a relação entre o ser político e o biológico, pontuado, no labor literário, na aporia de vida entre margem e centro, ou seja, de um lado os que já desfrutam dos benefícios da independência e os que, não tendo genética para o efeito, circulam por Luanda, desprotegidamente. Referimo-nos aos nove amigos vítimas de esquizofrenia decorrente da experiência bélica, uma vez que combateram na guerra fratricida angolana, sob o uniforme das ex-FAPLA. Esse aspecto, podemos depreender do ser de papel Eutanásia, a líder do utópico reino, quem perambula pela cidade, para encontrar o pão de cada dia, por um lado. Por outro, o perambular pela cidade deflagra a esquizofrenia a que está submetida, simbologia do desencontrado projecto de sociedade, do qual apenas se lembram os desprotegidos de qualquer ambiência humana. Na verdade, esse grupo de amigos loucos que se propõe fundar O reino das casuarinas caracteriza-se em vera-efígie alegórica, pela qual se deflagra a sátira aos loucos do extra-textual, a saber: os políticos

⁶ Conceito proposto por Hommi Bhabha (2003).



cuja loucura algema-os ao poder, sem escrúpulos e com elevado nível de alheamento à miséria do povo, aos seus problemas e inquietações de toda a ordem, colocando-se do lado oponente aos desígnios e expectativas da independência. Entretanto, a oposição a tais desígnios e expectativas é também recriada em *A acácia e os pássaros*, de Manuel Rui.

Nesta linha de pensamento, na narrativa de Manuel Rui, Januário, órfão, mendiga a um padeiro gordo “o pão nosso de cada dia”: ”Bom dia senhor Basílio (...) Sou o Januário. - Olá Januário, fala bem, deves ter andado a estudar para doutor...” (RUI, 2016, p. 9). Ora, é consabido que a pobreza não deve ser exaltada, nem glorificada, mas combatida. Para o efeito, torna-se imperioso que se rejeite o estado de privação, de modo que as desigualdades não se imponham como modelos. Assim, provavelmente, cômico disso, Januário parte para a acção, lutando contra o seu estado de miséria, que, a grosso modo, simboliza a de quase toda, senão mesmo toda a sociedade angolana, textualizada neste recorte:

Januário mediu, intrigado, de alto a baixo, a padaria, tinha as prateleiras com tabuleiros repletos de pão a todo o comprimento (...) O padeiro gigante, pouco mais de dois metros e longo, esbanjava gordura e suave parecia uma caleira no acabar da chuva, limpando a cara ora no avental branco ora num toalhão azul (...)/ Senhor Basílio, quantos pães o senhor tem por aqui?/ Aí uns dez mil e trezentos e cinquenta/ Trato-te por tu por admiração, desculpa Januário não ofereço, tenho dez mil, trezentos e cinquenta e, oferecia se tivesse dez mil e trezentos e cinquenta e um, e dispensava-te um/ você é o padeiro mais avarento do mundo e tarda não calha morre com um à v ê c ê ou lá que é/Ai, acertou-me, Januário a fugir com a cabeça a sangrar (RUI, 2016, p. 9-10)

Neste longo fragmento, que se impunha, acentua-se a relação de uma convivência oponível à proposta de Félix Guattari e, concomitantemente, ao projecto de sociedade apregoado, no movimento anti-colonial, o que significa



a existência de um imaginário não ecosófico, sendo, por isso, esse mesmo imaginário, contramão do sonhado projecto social, ou melhor, um itinerário da contramão ecosófica. Mas, voltemos, por enquanto, aos paratextos.

Na estrutura paratextual⁷ dos nossos objectos de análise, está imanente o olhar para os objectos literários como chaves interpretativas e como que instâncias produtoras da realidade. É assim que *O reino das casuarinas*, título proposto por Mendonça à sua narrativa, indicia uma bivocalidade semiótica, a saber: primeiro, a fundação de uma comunidade imaginada, a ser liderada por Eutanásia, uma mulher, o que pressupõe, num espaço patrilinear, como é o caso de Angola, fluxo de um movimento subversivo, de ruptura com o oficial, a ironia carnavalizante, como nos ensinou o filósofo russo Bakhtin, a demonstrar mais adiante. Segundo, porque sendo casuarina um género agrupador de dezassete espécies de árvores e arbustos da família casuarina, caracterizado por ramos abertos e delicados, por si só já nos remete à ecologia guattariana. Nesta conformidade, *A acácia e os pássaros*, proposição paratextual de Manuel Rui trilha os mesmos passos, uma que vez acácia seja o nome dado para um grupo de leguminosos divididos em cinco novos géneros, que, em Angola, é marca de uma das suas cidades, a província de Benguela, remetendo-nos, desse modo, a uma intenção espacial, de lugar, símile à Floresta erma da Ilha de Luanda na qual seria fundado o utópico Reino das Casuarinas. Há, ainda, na proposição paratextual de Manuel Rui os pássaros, sendo aves, por isso, voam, tal qual terá de o fazer Januário, o ser de papel, a fim de acessar aos benefícios da Independência Nacional, para fugir da guetização social a que coercivamente se submeteu, cuja imagem nos remete ao grotesco, polifonia e ironia carnavalizante também bakhtinianas, a discutir mais adiante. Esses pressupostos bakhtinianos concorrem a favor do

⁷ Conceito operatório tomado na acepção de Gerard Genette, 2005



discurso satírico, a que nos propusemos reflectir, numa contramão ecosófica, enquanto verossimilhança do imaginário nacional angolano fissurado, cujas relações ético-políticas se encontram hiatizadas, sob o signo de um total alheamento textualizado, ironicamente, no recorte mendociano: “SE OS MINISTROS MORASSEM NO MUSSEQUE” (MENDONÇA, 2014, p. 239).

Nesses termos, ao equacionarmos uma leitura dialógica com o filósofo francês, através das três ecologias, movemo-nos pelo trilho de que os sujeitos de análise despoletam novas camadas do *socius* angolano, contanto que a proposta do pensador francês mantém contacto directo com questões ético-políticas, pelas quais se percebem, à título de exemplo, políticas de desejo, desrespeitadas por quem detém o poder de decisão, cujo alheamento é explicitado no trecho acima. Noutros termos, numa convivência social, não se considera lícito, nem de bom grado, a hiatização social denunciada no excerto, pois, essa denúncia alude à cidade e ao asfalto, cenário já existente no período colonial. Ouçamos Fanon, que se referiu sobre o assunto: “(...) destruir o mundo colonial é, nem mais, nem menos, abolir uma zona, enterrá-la profundamente no solo ou expulsá-lo do território” (2006, p. 30).

Nesta conformidade, as três ecologias guattarianas funcionam como saber integrativo capaz incorporador do ser humano numa relação harmónica consigo mesmo, com o outro e com a natureza, não havendo mais, desse modo, cidade e asfalto, mas tão-somente um ambiente ecológico, ou seja, de relações ético-políticas disciplinadoras da diferença, ambiência pautada numa forma diferente de vivência. Ouçamos os argumentos do estudioso francês, para melhor explicitar o grave quadro.

O que está em jogo é a maneira de viver daqui em diante sobre esse planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do considerável crescimento



Vol. 15, nº 2, (2018)

demográfico. (...) No Terceiro mundo, como no mundo desenvolvido, são blocos inteiros da subjetividade colectiva que se afundam ou se encarquilham em arcaísmos, como é o caso, por exemplo, da assustadora exacerbação dos fenómenos de integrismo religioso. (GUATTARI, 2005, p. 8-9)

Não haverá – continua o estudioso francês-verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais (GUATTARI, 2005, p. 8-9).

Esse quadro ecosófico gravíssimo apontado pelo filósofo francês, para a particularidade desta análise, está imanente na tomada de consciência e na emergência da fundação do Reino das casuarinas pelo grupo de amigos, enquanto colectividade, desencadeia os ideais colectivos lançados para o esquecimento, logo depois da independência, que o útero romanescoc mendociano traduz, enquanto releitura do plano extrataextual. Assim, o mesmo ocorre com o labor literário de Manuel Rui, contanto que, ao tomar consciência do seu estado de fragilidade social, Januário assume uma atitude de mudança, mendigando ao padreiro Basílio, cartografia desses anseios de mudança de estado, por via do inconformismo. Nessa linha, quer a frustração do grupo de amigos, pontuada na não idealização do projecto de fundação, dado o extermínio de todos, por um dos sonhadores, que se sentiu excluído, em pleno dia de pleito eleitoral, como o de Januário, defraudado na sua solicitação mendigante, radiografam os anseios e frustrações do cosmos angolano, que, jamais, consegue assistir à consumação dos seus sonhos diurnos⁸.

⁸ Conferir, para este particular, Ernest Bloch, *Princípio Esperança*, vol.I (2005).



Vol. 15, nº 2, (2018)

Nesta linha, o discurso da sátira é sinalizado sob o viés do excêntrico, cujos marcadores, em ambos os romances, indiciam a existência de muros, já combatidos no período colonial, como defendia Fanon, mas que, no pós-independência perduram, sob o signo de novas facetas, às quais Guattari aponta como solução a mudança de paradigmas de actuação no campo político, social e cultural, haja vista um modelo novo de pensar política e socialmente, proposição salvífica para a implementação do projecto de sociedade angolana: são as três ecologias, âncora teórica da nossa discussão, ainda em reflexão, no ponto subsequente, sob o olhar de novos critérios semióticos, efeitos provocados pelos planos diegéticos de José Luís Mendonça e Manuel Rui.

Ironia carnalizante, polifonia assustadora: o grotesco como imagens de um *socius* da contramão ecosófica

Quando pensamos num título irónico para este texto, era porque o diálogo ecosófico com Guattari tinha como escopo um pano de fundo da esfera política, no quadro do romance e política. Todavia, este factor não sinonimiza um género ou subgénero ao qual procuramos enfeixar as obras em análise, porém, tão-somente um carácter observativo, como nos ensinou Irving How, já que as tessituras literárias desferem críticas a determinadas práxis políticas, por ferirem uma convivência ecosófica. E, para respaldar a nossa ideia, deixemos que o autor de *A Política e o Romance* (1998) exponha os seus próprios argumentos.

Por romance político entendo um romance no qual ideias políticas têm papel dominante, ou no qual o milieu político é cenário dominante –embora seja novamente necessária uma qualificação, pois a palavra “dominante” é mais do que questionável. Talvez fosse melhor dizer: um romance



Vol. 15, nº 2, (2018)

no qual assumimos serem dominantes as ideias ou o milieu político, um romance que permita essa pressuposição sem que com isso sofra distorção radical e que, em decorrência, propicie a possibilidade de algum lucro analítico (HOWE, 1998, p. 5)

Nesse sentido, ao sobrepopoarem no útero romanesco ideias políticas, do espaço da cidadania, como a política dos volíveis, os intelectuais – escritores assumem – se como agentes sociais e políticos, permitindo ao descoficador “algum lucro analítico” no seu viés interpretativo, emprestando, desse modo, um significado sociopolítico às estruturas semióticas providas da sua análise. Neste intercurso, o substrato de ancoragem analítica emprestada a Félix Guattari, na sua proposta as três ecologias, justifica-se, pois, se afigura numa problematização da vida política global, a cujo decalque, Angola é parte, enquanto nação, ainda em processo, radiografada nas narrativas em análise. Dito isto, convém não perder de vista que a filosofia ecosófica empreende um paradigma de mudança, perseguindo uma forma nova de relações humanas. Esse desiderato encontrámo-lo em *O reino das casuarinas*, romance no qual se dá voz e vez aos excêntricos da sociedade angolana, nele representados por Primitivo, Rainha Eutanásia, Povo do volvo, Razões da cruz vermelha, Profeta, Katchimbamba e Pam, todos apresentados pelo narrador-personagem Nkunku, também ex-militar. Esses sonhadores, loucos do plano ficcional, ao fugirem do hospital Pediátrico de Luanda, para fundar O Reino das Casuarinas, símbolo da comunidade imaginada, agem no propósito ecosófico, já que pretendem uma nova tipologia de vida, não mais ao tipo de convivência inóspita proporcionada pelos loucos do plano extratextual, os políticos, que concorre na contramão ecosófica. Nesse sentido, os sonhadores são a alegoria de uma loucura enquanto comprometimento com os ideais e expectativas da Independência Nacional,



contanto que os políticos, tão loucos pelo poder que se eximem das responsabilidades, dos ideais e das expectativas da Independência Nacional a tal ponto de se alhearem dos anseios colectivos. Nesse particular, os loucos do plano extratextual posicionam-se na contramão ecosófica, marcados por uma alienação, que os transforma em seres maquínicos, na medida em que perderam a sensibilidade humana.

Com efeito, na perda de sensibilidade, matriz da humanidade, esses loucos do plano extratextual traduzem imagens de inacabamento, seres coisificados, não mais do mundo humano, mas maquínico, o que os remete para a monstruosidade, característica grotesca, colocando-os no avesso da vida humana, vivendo esses loucos, os políticos, uma vida ao contrário da humanidade, sendo, por isso, inversão da ordem, que, no plano ficcional, instala-se uma nova forma de relações humanas projectadas pelos sonhadores da comunidade imaginada, os seres de papel cujas relações são amicais. Nessa intenção sonhadora, inversa à coisificação a que os políticos se submeteram, compreende-se a ironia carnavalizante. Nesse particular, no patamar narrativo, o pleito eleitoral abortado por Katchimbamba, no acto envenenativo dos companheiros, acompanhado do seu suicídio, carnavaliza ironicamente a inexistência de um projecto de sociedade da parte dos políticos que visasse a integração de todos, que, na gestão do sonhado reino, seria a matriz, entendida mesmo no facto de ter sido Eutanásia a rainha, na liderança do Reino. Por esta razão, vale dizer que o Reino alude à integração, enquanto o *socius* angolano a que pertencem os *homofictus* indicia a excentricidade, espaço no qual esses seres de papel coabitam. Nese facto reside, por via da ironia carnavalizante, o discurso da sátira, apontando para a necessidade de um modelo outro, no qual todos tenham voz e vez, quer dizer, numa forma ecosófica de relações humanas. Atentemos no fragmento, aqui recortado do



texto mendociano, indiciador de uma convivência, da qual se deseja apartar e esquecer: “São lembranças doentias das quais se pretende esquecer. Era assim que eu gostava de voar o meu tempo da tropa. Nas asas de um Nkunkuilocalizável, mesmo debaixo do fogo inimigo” (MENDONÇA, 2014, p. 20).

Nesta linha de pensamento, a idealização de um Estado democrático denuncia o inconformismo do grupo de amigos, de modo a livrar-se das injustiças do presente, realidade insatisfatória da qual se pretendem apartar, livrar. Nesse sentido, Katchimbamba funciona como a alegórica ironia carnalizante do grupo de políticos angolanos que fazem do poder a sua “renda garantida”, ridicularizado na chacina dos seus e de si mesmo, condensação de uma ambiência inóspita, pontuando a emergência de um ambiente novo, o da mudança paradigmática que se impõe, no contexto extratextual. Talvez, por isso, a fundação do sonhado reino seria a 11 de novembro de 1975, data da proclamação da independência angolana, alegoria de que o passado é presentificado, sob o viés da inexistência de um projecto de sociedade capaz de unir os angolanos, de Cabinda a Cunene. Neste diapasão, é curioso o facto de a matança proporcionada por Katchimbamba ter ocorrido na data em que morreu Hoji Ya Henda, um herói da luta de libertação e patrono da juventude angolana, que, a nosso ver, traduz a emergência de paradigmas a serem encetadas pela juventude, ou seja, a mudança dos destinos de Angola para a consumação da comunidade imaginada está nas mãos e na força da juventude, convocada sob o signo da polifonia, uma vez que a juventude angolana é múltipla nas suas cores clubísticas, pressupondo ideologias diferentes a serem expressas de forma equipolente e plenivalente.



Dessa força de mudança está consciente Januário. Daí que parte para a acção, ciente da sua excentricidade social, símbolo de tantos outros que residem no mesmo universo social, escavando outros horizontes, de modo a ter vez e voz no *socius*. Assim, nessa utensilagem tipificadora da periferia social, como já o dissemos, noutra lugar, diatripe contra a exclusividade, o *homofictus* Januário denuncia as manigâncias de uma quotiniidade enferma, propondo-se, concomitantemente, um modelo outro sociopolítico de convivência entre homens e mulheres, dispositivo despoletador de vozes outras, apagando estruturas hegemónicas, explicitando outras vozes do *socius* angolano, a saber: as vozes emudecidas pelas intenções dominantes, que, não se desejando malogradas, se fazem ouvir.

“Então o senhor é fantástico e “alavanquista” do empreendedorismo do pão, deve ser o maior e melhor padeiro do mundo, do amor e da paz, por cortesia e para o elogiar, não me oferece um pão que até já me esqueci do saber”./(...)”não ofereço, com imensa pena não ofereço, tenho dez mil trezentos e cinquenta, oferecia se tivesse dez mil e trezentos e cinquenta e mil, e dispensava-te um./Deu umas passadas largas até à curva, antes de virar olhou ainda para trás e o padeiro todo nervoso, cá fora, estava a comer de avidez dois pães-cacete ao mesmo tempo, um em cada mão, ”volto!” Correu, fez uma finta de capoeirista ao padeiro para lhe rapar um dos pães, mas Basílio foi de reflexo e caceteou com o outro pão na cabeça de Januário (MENDONÇA, 2014, p. 10-11)

A atitude do padeiro Basílio remete-nos para a lógica das permutações, isto é, ao agredir o mendicante com os pães age contrariamente ao que seria normal, ceder, pelo menos, um dos pães ao pedinte, o que só faria caso tivesse, na padaria, dez mil e trezentos e cinquenta e um. Ao agir, nesses termos, Basílio demonstra a sua insensibilidade pelo outro, silenciando-o, como que não existisse na humanidade, não sendo, nesse viés, parte dela. Na verdade, enquanto ser humano, é Basílio quem não constitui parte da



humanidade, pelo seu gesto monstruoso. Essa monstruosidade sinonimiza as degradações rebaixadoras, pela falta de humanismo, amor ao próximo e respeito pela outridade posicionando-o do lado dos rebaixamentos, que, no final da narrativa, despoleta a coroação de Januário e, conseqüentemente, no implícito, a destronação do “melhor padeiro do mundo”, Basílio. Nesse ponto, deflagra-se a cosmovisão carnavalesca, despoletando as nocividades de um imaginário social, o angolano, concorrendo na contramão ecosófica, da qual se pretende resgatar.

Ora, como o dissemos, noutra lugar, a massa narratológica com que se tece *A acácia e os pássaros* leva-nos a arguir de que se trata de um grito não de desespero, mas de inconformismo de pássaros, do imaginário social angolano que, de vítima, assume o estatuto de prevaricador, evento que pontua um cenário de charlatice, instância indiciadora, nesse particular, da ironia carnavalesca: “Sabes, Januário, com tanta urgência a mandarem-te para aqui deve ser prisão preventiva, atendendo à gravidade do delito que eu conheço...” (MENDONÇA, 2014, p. 15).

Nesse cotejo textual denota-se a inversão da lógica das coisas, já que de pedinte, Januário passa à prisão preventiva, enquanto Basílio o agressor é vitimizado, por isso, em liberdade. Associa-se a esse evento, no não-dito, a colocação do mundo ao avesso, numa convivência contrária à lógica das relações que normalizam a vida na sociedade, visto que Januário é vítima e não o prevaricador, tendo cometido um único crime, a saber: a intenção e o desejo de deixar de ser uma voz malograda, quer dizer, não desejando ser mais excêntrico. Assim, *A acácia e os pássaros* reformula de tal forma a realidade social angolana que nos convida a ver esse mundo social sob outros prismas, o do avesso. Dessa maneira, impõe-se, para uma chave interpretativa, perceber o discurso literário como espaço de elaboração e



difusão ideológica, pois, “no sistema linguístico, **instância do discurso literário**, imprimem-se as marcas ideológicas do discurso, que, em suma, o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes” (BARROS, 2011, p. 8, grifo nosso).

Dito isto, podemos arguir de que, não desejando ver a voz emudecida, Januário consegue esse propósito, porque, na prisão, a sua causa desperta a todos, passando, nesse caso, a ser a de todos, atingindo uma dimensão colectiva, epifania da mudança de quadro, no qual os inferiores são exaltados, o que ocorre com Januário que, ao sair da prisão, é recebido em apoteose como um herói, instaurando-se, desse modo, um novo modelo social em que todos perfilam na igualdade, liberdades e bem-estar, entrecruzando-se os enunciados da margem e do centro, permitindo a diluição de fronteiras, sendo, sob esse olhar, todos parte de um mesmo universo social de multiplicidade de vozes, de consciências equipolentes e de discursos plenivalentes, ironizado na arquitectura romanescas na coroação januárica, no final da narrativa romanescas.

A subversão de uma matriz ou a matriz de uma subversão

Os sujeitos da nossa análise tomam o veio de esferas isotópicas que nos remetem a um universo de ruptura, cuja matriz não persegue mais a linearidade comum à qual nos habituamos. Nesse sentido, ao equacionar a perambulação de Eutanásia, ao longo da cidade de Luanda, por exemplo, no útero romanescos, *O reino das casuarinas* afigura-se numa escrita destruidora dos modelos estanques aos quais o curso da vida social se habituou. Desse modo, em Eutanásia tem-se uma nova forma de convivência pautada na liberdade, na escolha e, sobretudo, em decisões não monológicas, isto é, em



opções não eivadas do discurso oficial a que toda a sociedade se submete, mas em escolhas pessoais, instância incorporadora de outras visões, as não determinadas pelos padrões determinadores dos eventos comportamentais a que a vida social nos habituou. Assim, na lógica de Peter Sloterdijk⁹, patenteia-se a semiótica do cruzamento em cuja âncora está imanente a não domesticação quer dos desejos como das liberdades, o que se deduz do perambular de Eutanásia, signo de que a existência humana não deve circunscrever-se a estancamentos, mas à diversidade de vontades, opiniões, enfim, de políticas de desejos. Neste particular, há também o vaivém da personagem Nkunku¹⁰ que adiciona ao exposto o carácter subversivo, enquanto entidade marcadora da ironia carnalizante, em cuja ancoragem se subentende a lógica da inversão, sinalizada no perambular do grupo de loucos, do tecido ficcional.

Sob esse olhar, *O reino das casuarinas*, no plano do discurso ficcional, torna-se um discurso libertador, profeticamente visionário, já que as personagens demonstram a sua consciência político-social desalienante consignada no compromisso cidadão, estampando no ardil romanesco a periferia social de um projecto falido *ad iniciium*.

Nesta conformidade, esse desiderato caracterizador de um projecto social inexistente, marcado quer na periferia social como na loucura dos loucos conscientes¹¹ é também revestimento de *A acácia e os pássaros*, na medida em que Januário, para além de representar a periferia social, os destituídos de protecção social, também incorpora a subversão aos estanques às quais muitas sociedades se veem algemadas, pontuadas, por exemplo, na

⁹ Ver Peter Sloterdijk, *Regras para o parque humano*, (2000, p. 9).

¹⁰ Nkunku, como outras personagens, vagueia pela cidade de Luanda à procura do que comer.

¹¹ Referimo-nos ao discurso da sátira, que depreendemos, no implícito, da semiose literária.



recorrência à Noam Chomsky,¹² ao longo do discurso narrativo. Esse facto irrompe com o modelo fechado, manipulador dos discursos, obliterando a que as pessoas possam exprimir o que pensam, aqui textualizado.

(...) vejam só como esses neocolonizados imitam o outro, impedem que a gente pense para a gente pensar mais, estou bem-disposto, vou acabar de matabichar¹³ antes que aquele anormal volte e me leve o que falta, depois faço ginástica e, depois de o gajo levar a caneca, faço ginástica e vou janelar a ver pão, quem sabe quantos pães desses saíram da padaria do Basílio e os passantes com pão e as senhoras que vendem xandulas¹⁴ não lhes passa pela cabeça que está aqui na cadeia o Januário, sim, o Januário sou eu de quem me orgulho de pensar que eles pensam que não penso em pão, vou repetir de pensar que eles pensam que eu não penso em pão disse! (RUI, 2016, p. 19)

No excerto, depreende-se a linguagem da sátira impregnada na subversão, já que o *homofictus* não se deixa manipular, não permitindo que anulem a sua existência, fazendo ecoar a expressão do seu pensamento, o que, desde já, pressupõe a desconstrução de paradigmas, impondo um paradigma outro em cuja ancoragem predomina os direitos humanos, estabelecido, assim, numa polifonia, uma vez que outros olhares e versões emergem, abrindo-se, sob esse viés, outras possibilidades. Nisso, para além de se despoletar o discurso da sátira, despoleta-se, outrossim, as formas que se sobrepõem aos ícones do silêncio¹⁵, culturalizando, desse modo, a disciplinarização da diferença. Dito doutro modo, o herói de Manuel Rui impõe a sua presença que, à partida, é posta em cheque por Basílio, o padeiro, quando afirmara que: “(...) desculpa Januário não ofereço, tenho mil e

¹² Estudioso que elaborou as 10 regras para a manipulação da opinião pública.

¹³ Tomar o café da manhã.

¹⁴ Pães, em linguagem local; dialecto, significando Sanduíche.

¹⁵ Esse pressuposto persegue ao de Peter Sloterdijk. Ver, para este caso, *Regras para o parque humano*, 2000



trezentos e cinquenta, oferecia se tivesse dez mil e trezentos e cinquenta e um (RUI, 2014, p. 9)”. Essa fala de Basílio anula a existência de Januário, que, todavia, soube impor-se, como se pode depreender no trecho acima.

Considerações finais

Propusemo-nos reflectir sobre o discurso da sátira nos sujeitos de enunciação anunciados, cuja ancoragem teórica já referenciada. Assim, constatamos que os enunciadores, em análise, respondem ao propósito da nossa discussão, pelo facto de representarem laivos caracterizadores do discurso da sátira, pontuados na escrita subversiva que, por um lado, propõem novos paradigmas de convivência ético-política, por outro, desconstroem modelos que operacionalizam ícones de silêncio, impondo, sob esse pressuposto, outros, mais polifónicos, com os quais se constroem cruzamentos semióticos perseguidos, por nós, à partida, no paratexto da nossa proposta de discussão.

Referências

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Dialogismo, polifonia e enunciação**. In: Dialogismo, polifonia, intertextualidade. São Paulo: Edusp, 2011.
- BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, Outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2014.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora-MG: Editora UFJF, 2006.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. São Paulo: Papirus editora, 2005.
- HANSEN, João Alberto. **Permanência Clássica. Visões contemporâneas da Antiguidade greco-romana**. São Paulo: Escrituras, 2011.



Vol. 15, nº 2, (2018)

HOWE, Irving. **A política e o romance**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**. Rio de Janeiro: edições 70,1985.

_____. **Teoria e poética da ironia**. BH: UFMG,2000.

MENDONÇA, José Luís. **O reino das casuarinas**. Luanda: Mayamba, 2014.

RUI, Manuel. **A acácia e os pássaros**. Luanda: Mayamba, 2016.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano. Uma resposta à carta de Heiddger sobre o humanismo**. São Paulo: Liberdade, 1947.

Este texto é de responsabilidade de seu autor.